

A CONFIGURAÇÃO DO ESPORTE CONTEMPORÂNEO A PARTIR DE UMA ETNOGRAFIA NO MMA

Daniel Giordani Vasques¹

Flávio Py Mariante Neto²

Resumo: As artes marciais mistas (MMA) são um esporte criado e modificado em associação com a mídia, cujo principal expoente são os eventos do UFC. Esse trabalho tem o objetivo de compreender 'por dentro' os elementos simbólicos envolvidos no MMA e apresentar uma relação configuracional, entendendo as imbricações adjacentes à relação de dependência funcional entre os elementos para discussão do esporte contemporâneo. A metodologia, etnográfica, utilizou a observação participante em uma academia de MMA, em eventos de luta e no programa TUF Brasil, diários de campo e entrevistas. A análise do *reality show* mostrou estratégias de esportivização, dramas pessoais/familiares e o processo de 'humanização' do lutador. Na academia, as relações entre o 'mestre' e os 'irmãos de treino' foram sustentadas por laços afetivos e um conjunto de etiquetas, onde destacam-se os diferentes usos e sentidos atribuídos à violência. Por fim, ao observar o 'dono do evento', o espetáculo acima da vitória e a violência como espetáculo, indicou-se a importância de um alargamento do conceito de esporte para compreender o MMA. Esse estudo advoga que outro processo está em curso com a entrada da mídia e do espetáculo na configuração esportiva, provavelmente uma segunda esportivização.

Palavras-chave: MMA; Esporte; Configuração; Etnografia; Luta.

The Figuration of Contemporary Sport From an Ethnography in MMA

Abstract: Mixed Martial Arts (MMA) is a sport created and modified in association with the media, whose main exponent are UFC events. This work aims to understand 'from the inside' the symbolic elements involved in MMA and present a configurational relationship, understanding the imbrications adjacent to the functional dependence relationship between the elements for the discussion of contemporary sport. The methodology, ethnographic, used participant observation in an MMA academy, in combat sports events and in the TUF Brasil program, field diaries and interviews. The analysis of the reality show showed sportization strategies, personal/family dramas and the fighter's 'humanization' process, where the different uses and meanings attributed to violence are highlighted. Finally, when observing the 'owner of the event', the spectacle above victory and violence as a spectacle, the importance of broadening the concept of sport to understand MMA was indicated. This study advocates that another process is underway with the entry of the media and the spectacle in the sporting configuration, probably a second sportization.

Keywords: MMA; Sport; Figuration; Ethnography; Combat Sport.

¹ Licenciado e Mestre em Educação Física (UFSC), Doutor em Ciências do Movimento Humano (UFRGS). Professor do Departamento de Expressão e Movimento e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: daniel.vasques@ufrgs.br

² Licenciado em Educação Física, Mestre e Doutor em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS. Professor da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Email: flaviomariante@hotmail.com

Introdução

Este texto é advindo da produção acadêmica do primeiro autor realizada no formato de uma tese de doutorado (MARIANTE NETO, 2016) resultante de uma etnografia nas entranhas das artes marciais mistas (MMA). No entanto, o trabalho de análise dos dados e de discussão da teoria continuou nos anos seguintes à publicação da tese, resultando em produções sobre a construção televisiva do MMA e a humanização do lutador (MARIANTE NETO et al., 2021a), sobre a espetacularização e o conceito de esporte (MARIANTE NETO et al., 2021b), e sobre as etiquetas para lutar na academia (MARIANTE NETO et al., 2021c). No entanto, entendemos como um movimento importante, agora, agregar esses elementos publicados separadamente, nomeadamente os campos empíricos etnográficos de tela/televisão, em eventos esportivos e na academia de MMA –, especialmente levando em conta a interdependência entre os elementos que compõem a configuração. No caso, ao olharmos para somente um desses elementos, o entendimento sobre a configuração esportiva fica, embora potente, relativamente restrito e limitado àquele espaço social. Dessa forma, esse texto traça um caminho de retomada à tese inicial dessa pesquisa, a de um delineamento de uma configuração esportiva do MMA formada pelos programas televisivos, pelos eventos de lutas e pelas academias de treinamento de MMA. Como resultante de uma etnografia, o texto a seguir é escrito em primeira pessoa pelo primeiro autor desse artigo.

Sobre os lugares do pesquisador

Aliada à formação acadêmica, tive uma vivência ampla no universo das lutas, principalmente na modalidade de boxe. Deste modo, concomitantemente à participação no grupo de pesquisa e formação em Educação Física, eu fui praticante e professor da ‘nobre arte’³. Durante muitos anos, enfrentei as dinâmicas de uma rotina pesada de treinamento em uma academia. Assim como também enfrentei o desafio de ensinar por quase dez anos esse esporte em diferentes academias de Porto Alegre, o que me permitiu refletir pedagogicamente sobre o ensino das lutas.

³ O boxe é reconhecido por essa expressão no universo das lutas.

Além do boxe, eu tive contato com outras modalidades, como o jiu-jitsu, o muay thai e o MMA, e essa incorporação de novos elementos também suscitou novos olhares acadêmicos. Se, como reflete Wacquant (2002), eu pude estranhar no sentido orgânico as novas dinâmicas pelas quais passava o meu corpo, também pude estranhar, no sentido reflexivo, o surgimento de novas modalidades, em especial o MMA, e percebê-lo como um potente objeto de pesquisa. Dessa relação entre percepções orgânicas e acadêmicas, surgiu a ideia da elaboração dessa pesquisa, assunto central no desenvolvimento desse texto.

Entretanto, antes de adentrar nos meandros da estrutura de minha tese e apresentar ao leitor os dados, é importante refletir que toda essa experiência tem um sentido nessa escrita. O reconhecimento do histórico de quem escreve é um elemento analítico importante, pois mais do que mostrar o que se escreve é mostrar de onde se escreve. Esse (auto) reconhecimento é uma tentativa de mostrar para aquele que lê que o texto tem uma autoria. Mais do que isso, é importante desvincular qualquer ideia de imparcialidade.

Os olhares que apresentarei no porvir são, também, frutos de uma história. Eu estou no texto. Assim, ao ouvir discursos referentes à violência nas lutas, à dificuldade de inserção de lutas no universo escolar tendo como base olhares ‘apressados’ e superficiais, via-me desconfortável naquela situação. Como separar o lutador do pesquisador? Não há separação. Pelo menos, há pouca possibilidade. Como resolver, então, esse dilema acadêmico? Há possibilidade de distanciamento?

Essas questões permearam os meus pensamentos durante todo o processo de formação. Deve-se, obviamente, achar uma resposta, para que as análises vindouras não sejam resultantes das minhas opiniões. Hoje, entendo que só foi possível esse distanciamento pela teoria. Um ponto fundamental desse processo foi a minha aproximação com a teoria configuracional de Norbert Elias. Foi essa construção teórica que me deu condições de conduzir minha pesquisa de doutoramento, não de maneira imparcial, mas de uma forma mais crítica e reflexiva. É sobre essa teoria que me debruço a partir de agora.

A teoria configuracional de Norbert Elias e o processo de esportivização

O sociólogo Norbert Elias nasceu na cidade de Breslau, na Alemanha, em 22 de junho de 1897. Ele lecionou até seus últimos dias, até falecer em primeiro de agosto de 1990. Sendo de família de Judeus, Elias viveu ‘na pele’ questões que viria a escrever ao longo de sua vida acadêmica como: a segregação, a violência e a barbárie. Elias teve uma infância ‘burguesa’ em uma cidade que outrora havia pertencido à Polônia e à Áustria, mas que, quando no nascimento do sociólogo, fazia parte do território alemão (ELIAS, 2001b). O episódio mais traumático da vida do autor, segundo ele mesmo⁴ foi o Holocausto. Sua mãe foi capturada pelos alemães e morreu em um campo de concentração. Essa experiência traumática deu origem a uma das obras mais importantes do autor: “Os alemães” (ELIAS, 1997).

Norbert Elias foi militar e serviu na primeira guerra mundial como soldado alemão. Além disso, teve uma formação acadêmica em medicina e em filosofia concomitantemente. Essa formação social/biológica lhe deu a possibilidade de refletir e criticar alguns binarismos tradicionais nas ciências sociais, relacionados à natureza/cultura, subjetivação/objetivação e indivíduos/sociedade.

Esta última relação, entre indivíduo e sociedade, é um dos temas mais importantes dentro dos seus textos. Na maioria das obras, essa inexorável e indivisível relação é abordada. O autor infere que os indivíduos e a sociedade são entes inseparáveis e, por esse motivo, esses termos são apenas faces de um mesmo conceito. Uma relação imbricada por uma cadeia que constitui o que o autor chama de “dependência funcional”. Surge, então, o conceito de configuração (ELIAS, 2018), que horizontaliza as dinâmicas dentro de uma teia de interdependência e que sustenta que os elementos de uma configuração só têm sentido a partir de uma ideia de relação⁵.

Apesar de as configurações e interdependências serem elementos fundamentais da teoria de Norbert Elias, o ponto central da teoria do sociólogo é a análise de um processo de controle das emoções, balizada por mudanças na configuração social, chamado de processo civilizador (ELIAS, 2011). O autor faz

⁴ Essas informações são oriundas do livro “Norbert Elias por ele mesmo” (ELIAS, 2001b). Trata-se de uma entrevista de 84 páginas em que o autor discorre sobre sua vida e sobre como sua história teve interferência na sua obra sociológica.

⁵ Tratarei melhor desse conceito quando apresentar os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa.

uma análise de mudanças de comportamento na Europa pós-idade média. Esses habitus foram se adaptando às novas dinâmicas sociais e sendo inseridas no cotidiano, especialmente, da realeza. Esse processo, segundo Elias, não tem um ‘ponto zero’ nem um final.

Uma questão importante é que essas mudanças na estrutura social, assim como apresentei na discussão de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’, são inseparáveis de mudanças na estrutura do sujeito. Ou seja, não há mudança na personalidade individual que seja desconexa de alterações sociais, pois, para o autor, não há separação. Para este fenômeno de inseparabilidade, surgem mais dois termos fundamentais na obra analisada: sociogênese e psicogênese. Portanto, por essa análise teórica, a construção da psique é, também, orientada a partir da relação do sujeito com os comportamentos sociais dentro da configuração em que ele vive.

O esporte surge dentro dessa leitura configuracional. Norbert Elias e Eric Dunning, seu discípulo mais atuante, discorrem sobre um processo de transformação social na obra “A busca da excitação” (ELIAS; DUNNING, 2019). Ao longo do livro, os autores mostram como as transformações oriundas do processo civilizador regularam práticas antigas auto-organizadas que absorveram certas características que suscitaram o que entendemos, hoje, por esporte. Dentre elas as regras, normas e padronizações que vemos até hoje nas competições e eventos desportivos. Portanto, para Elias, há um processo de ruptura em que passatempos e atividades de tempo livre se direcionaram no sentido da normatização. Essas regras não existem por si mesmas; estão vinculadas às já citadas transformações sociais.

Com base nessa teoria e entrando em contato com uma modalidade nova no universo das lutas, eu elaborei uma pesquisa que teve como objetivo compreender ‘por dentro’ os elementos simbólicos envolvidos no MMA. Ademais, também tive como objetivo apresentar uma relação configuracional, entendendo as imbricações adjacentes a relação de dependência funcional entre os elementos para posterior discussão do esporte contemporâneo.

Caminhos metodológicos

Nesse caminho da escrita é hora de descrever os pressupostos metodológicos do estudo. Então, em um primeiro momento apresentarei ao leitor

como a teoria de Norbert Elias também serviu como base para esse desenvolvimento, a partir do conceito de configuração. Num segundo momento, irei descrever a minha participação no campo de pesquisa.

No livro “Introdução à Sociologia”, Norbert Elias (2018) apresenta as relações de interdependência envolvidas na análise configuracional. Assim, cada elemento que constitui essa configuração, ou, nas palavras do autor, essa “teia de interdependência” (ELIAS, 2018, p. 16) possui relação e age de acordo com os outros, ratificando a ideia de que a análise estanque e separada de cada ator dentro de uma configuração pouco contribui para a compreensão do comportamento.

O autor exemplifica essa teoria a partir de um exemplo hipotético de duas tribos rivais, A e B, que se envolvem em uma luta pela sobrevivência. O grupo A seria formado por indivíduos maiores e mais velhos, e o grupo B por pessoas mais jovens, menores, porém mais rápidas. Por essas características, os indivíduos do grupo B agiriam de forma a fazer com que suas qualidades se sobreponham ao grupo rival.

O grupo B agiria durante a noite, matando um ou dois inimigos e fugindo rapidamente, enquanto os companheiros dos outro grupo os perseguiriam com pouca possibilidade de sucesso, já que os indivíduos do grupo A seriam mais lentos. O grupo A, então, se vingaria, matando as mulheres e crianças do grupo B, quando os homens não estão em casa. Deste modo, os movimentos de um grupo determinam os movimentos do outros, criando o que o autor chama de “interdependência funcional”. Dessa breve explicação, podemos concluir que, ao analisarmos uma configuração, devemos elencar quais são os elementos que a sustentam para, só assim, compreendermos com mais clareza o seu funcionamento.

Deste modo, a compreensão dos fenômenos deve estar baseada nas relações estabelecidas entre os elementos configuracionais, que se entrecruzam, se estabelecem e se reestabelecem em um jogo⁶ de ações e reações que direcionam o andamento e as dinâmicas configuracionais. Por esse olhar, elenquei três elementos que deveriam ser analisados no MMA, quais foram: as academias (centros de treinamento), os eventos esportivos e a mídia televisiva.

⁶ Na mesma obra, “Introdução à sociologia”, Norbert Elias (2018) apresenta a teoria dos jogos, baseada nas dinâmicas configuracionais.

A partir desses pressupostos, realizei uma etnografia (OLIVEIRA, 1996), em uma academia em que alguns atletas de MMA preparam-se para as suas lutas. O período de observação foi de setembro de 2014 até outubro de 2015. As aulas e horários foram variados, mas frequentei, substancialmente, o treino que iniciava às onze horas da manhã e ia até às treze horas, aproximadamente. Minha participação no campo se deu nas funções de “colega de treino” dos atletas de MMA. Sendo assim, participei ativamente das (duras) sessões de treinamento. Além das observações na academia, eu fui espectador de dez eventos de MMA em algumas cidades do Rio Grande do Sul, além de um evento em Vitória, no Espírito Santo.

Todas as observações (nos treinos e nos eventos) foram registradas em diários de campo, seguindo os pressupostos teóricos de Winkin (1998). Tal interação na realização de uma etnografia envolve em regra aquilo que os antropólogos chamam de “observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador “assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada” (OLIVEIRA, 1996, p. 24).

Além das academias e dos eventos, havia a necessidade de analisar a mídia, último elemento configuracional escolhido. Para tanto, escolhi o programa TUF Brasil. Desenvolvi, assim, o que Rial (2004) designa como etnografia de tela. Segundo a autora, é um método que “transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica” (p. 30). Nesse sentido, características tradicionais das etnografias como a longa imersão do pesquisador no campo (em frente à televisão), a observação sistemática e a descrição densa em diários foram utilizadas para a produção de dados nessa pesquisa.

Como característica analítica na produção etnográfica, eu passei a descrever e analisar os sentidos das cenas, imagens, focos, bem como das histórias e das narrativas produzidas e inseridas ao longo dos programas televisivos, com a intenção de, em acordo com Geertz (1989), interpretar os sentidos ali produzidos e codificados. Descartados os pressupostos metodológicos da pesquisa, eu passo, a partir de agora, a apresentar os resultados produzidos na pesquisa.

Reconhecendo o MMA: o cotidiano de uma academia de artes marciais mistas

O local em que realizei a pesquisa apresenta características interessantes sobre sua dinâmica. Não é um centro de treinamento exclusivo de lutas. É uma academia que se localiza em um bairro tradicional da cidade. Assim, trata-se de um bairro comercial e residencial da cidade, onde são encontrados os mais variados tipos de comércio, como lojas de roupa, bares, restaurantes, gráficas, salões de beleza, entre outros. A academia fica localizada ao lado de uma farmácia, em uma esquina da avenida principal do bairro e uma de suas ruas transversais, e ocupa o segundo andar de um prédio de apartamentos.

Ao subir as escadas que dão acesso à academia, passa-se por uma roleta. À direita, há uma sala de musculação e, ao fundo, uma divisória, que separa a ‘sala de lutas’ do restante da academia. Nesse espaço, encontram-se tatames (peças de tecido flexível que são encaixadas para os treinos de ‘lutas agarradas’⁷), luvas de boxe, aparadores (utilizados para desenvolvimento de técnicas de lutas ‘em pé’, como o boxe e o muay thai) e sacos de pancada. Os atletas têm suas próprias luvas, ataduras⁸ e quimonos⁹.

As dinâmicas dos treinamentos são muito parecidas. A primeira parte é o aquecimento que varia de acordo com a modalidade do dia¹⁰. Habitualmente, são atividades com pouca intensidade, em que os atletas reproduzem movimentos que serão utilizados na parte principal da aula. Nesse momento, o silêncio perfaz a dinâmica principal das aulas. Além da preparação física para o porvir, esse momento é um lugar de preparação psicológica, de concentração e de quietude, precedendo momentos mais intensos. Assim, se Wacquant (2002) diz que o boxe é uma “prática quase sacerdotal” (p. 154), referente às horas que de dedicação e envolvimento com a luta, o aquecimento corrobora com essa afirmação. O que se

⁷ As lutas agarradas são as modalidades em que não há golpes traumáticos, como o jiu-jitsu e o judô. Diferentes são as lutas “em pé”, como o boxe e o muay thai, em que são utilizadas técnicas de chutes, socos, cotoveladas e joelhadas.

⁸ As ataduras são proteções de material elástico e maleável utilizadas para a proteção das mão durante os treinos.

⁹ Apesar do MMA não utilizar essa vestimenta nas competições, alguns atletas utilizam os quimonos para treinos específicos de jiu-jitsu.

¹⁰ Como já foi mencionado, por ser uma “mistura de artes marciais”, o MMA é composto por diferentes modalidades. Geralmente, elas são treinadas em separado. E, durante a semana, há uma sessão em que elas são misturadas.

vê são indivíduos muito concentrados e que têm a consciência da intensidade e dos perigos que podem estar por vir.

Após o aquecimento, a aula se desenvolve a partir dos objetivos do dia. Podem ser aulas de ‘luta agarrada’, ‘luta em pé’, ou ‘grade’¹¹. Os lutadores formam duplas e trabalham as técnicas exigidas no momento. No começo, as técnicas são trabalhadas de forma combinada, a partir do comando do treinador. A repetição é muito importante nos esportes de combate e os movimentos são repetidos à exaustão¹². Após essa parte combinada, os atletas fazem o ‘treino solto’. São movimentos não combinados que se aproximam mais da luta real. Não é um *sparring*¹³, pois a intensidade é mais controlada, mas já há um pouco mais de contato entre os participantes. Em alguns dias específicos, no final da aula são realizados exercícios de *sparring*.

Um personagem empírico (ELIAS, 2001a) importante na dinâmica dos treinamentos de MMA é o ‘mestre’. Durante toda a feitura da tese, não ouvi, nem nas observações nem nas entrevistas, outra qualificação para o professor que não fosse de ‘mestre’. Esse ponto é fundamento para compreensão dos simbolismos desse esporte, pois para gerir um rol de lutadores experientes e orientar as técnicas mais efetivas para a prática, deve-se ‘ter moral’. Afinal, segundo as palavras de muitos dos meus interlocutores, “um mestre é muito mais do que um professor”.

Portanto, o mestre é alguém que tem muita experiência no universo das lutas e possui uma relação muito próxima com os lutadores. A confiança que se estabelece é um ponto de sustentação dessa configuração. Assim, aquele que é responsável pelas dinâmicas dos treinamentos, é também responsável pelo arrefecimento das tensões que poderão existir. Como aponta Wacquant (2002), ele é o chefe da orquestra.

Entre os atletas de equipe também há uma relação de confiança. Uma das características dos esportes de combate é o ‘uso do corpo’ dos outros lutadores para a aprendizagem. Afinal, se não houver alguém para aplicar as técnicas

¹¹ As artes marciais mistas são práticas dentro de uma estrutura composta por oito lados (octógono) e cobertos por uma grade que impossibilita a saída dos lutadores, como acontece nos ringues de boxe. Por essa disposição, há treinos específicos que trabalham as técnicas de controle do adversário quando a luta estiver nessa situação.

¹² Nesse capítulo, vou me deter nas técnicas de luta, porém, os lutadores realizam muitos treinos em outros horários para o condicionamento físico, como musculação, ginástica funcional e corridas.

¹³ Simulação de luta real, geralmente com uso de capacetes. A intensidade é semelhante à intensidade da luta.

ensinadas pelo professor, não é possível que se aprendam os movimentos. Apesar de haver aparadores e sacos de pancada para o treinamento, as técnicas só são executadas ‘no tempo’ se forem realizadas contra um adversário capaz de se defender e se movimentar concomitantemente aos ataques. Sendo assim, as lutas são, por um lado, um esporte individual, pois os combates são realizados entre dois adversários. Porém, por outro lado, as lutas têm um caráter pedagógico coletivo, já que são treinadas exaustivamente com a ajuda dos outros lutadores de equipe.

Essas características produzem questões simbólicas importantes. Um exemplo disso foram as ‘saudações’ e ‘cumprimentos’ descritos em muitos dos meus diários de campo. Ao final do treino, muitas vezes, são feitas “formações” em que os atletas se colocam em linhas ou colunas e o “mestre” faz um pequeno colóquio sobre o andamento da equipe. Em um desses dias, o professor fala: “cuidem dos seus parceiros de treino. Se vocês o machucarem, não terão mais com quem treinar” (Diário de campo, 23/09/2015). Essa fala demonstra uma diferença fundamental entre treinos e lutas. Os treinamentos são um momento de desenvolvimento técnico. A violência ocorre de forma controlada, e as ‘investidas’ mais intensas são reguladas pelo ‘mestre’ ou por lutadores mais experientes.

Por essas reflexões, surge a figura (ou personagem) do ‘irmão de treino’. Esse termo foi usado diversas vezes pelos interlocutores durante a pesquisa. A força desse termo está apoiada em uma relação de confiança (que algumas vezes é quebrada). Essa confiança se baseia em saber que o companheiro de treino é capaz, por suas técnicas e habilidades, de proporcionar um ‘treino duro’ que possibilite o desenvolvimento dos atletas e que não machuque os outros lutadores.

Teoricamente, os atletas formam uma relação de interdependência funcional (ELIAS, 2001a). Eles entendem que precisam dos companheiros para seu desenvolvimento esportivo. Assim, cuidam de segurança e as regras são extremamente bem delimitadas, como o controle da violência nos exercícios de *sparring*, a utilização de luvas de dezesseis onças¹⁴ e a divisão das duplas por categorias de peso.

¹⁴ As onças são unidades de medida de peso das luvas de boxe e MMA. Uma onça equivale à aproximadamente a trinta gramas. As luvas de dezesseis onças são as maiores, portanto permitem maior proteção ao adversário.

Apesar de essa configuração parecer estável, as tensões estão presentes em uma academia de artes marciais mistas. Um episódio que materializa essa afirmação foi uma briga que presenciei em um dos treinamentos, quando um dos atletas, vinte quilos mais pesado do que seu oponente, não quis vestir luvas maiores para uma sessão de luta em pé. O atleta mais leve advertiu seu oponente que poderia ser perigoso utilizar luvas pequenas. Na negativa do adversário, o atleta ‘parte para cima’ do seu oponente até que este cai no chão quase desmaiado. O atleta que quase fora nocauteado nunca mais apareceu na academia. Quebrou-se, assim, um acordo tácito. Rompeu-se uma barreira simbólica de cordialidade e etiqueta (ELIAS, 2001a) que permeia as relações dentro de uma equipe de luta.

Nos eventos, deve-se ganhar ou dar show? Espetáculo ou vitória?

A partir de agora, sugiro ao leitor um trânsito por outros espaços de prática e divulgação das artes marciais mistas. Ao ‘sair da academia’, proponho um olhar para outros elementos que sustentam essa configuração. Assim, nesse tópico, eu farei uma digressão dos centros de treinamento e me aproximarei dos eventos de MMA. Este, um assunto que fez parte, como já sustentado na metodologia, da minha incursão nesse universo.

A primeira questão importante de ser debatida sobre o esporte é a sua gênese. Temos, no cenário esportivo, um rol de modalidades que surgem e se sustentam a partir das federações esportivas. O processo de desenvolvimento dessas modalidades se dá, preponderantemente, por ações de instituições que orientam as ações com subsídios estatais e com a contribuição de seus sócios, em uma relação em que o dinheiro privado surge com muita força, a partir da entrada da modalidade na mídia televisiva. Porém, o nascedouro não se dá dentro dessa perspectiva – midiática.

Assim, para serem mais atraentes ao público, estes esportes vão se transformando a partir de uma demanda configuracional que direciona o andamento da modalidade. Alguns exemplos são: a entrada da posição do líbero no voleibol e o uso de tecnologias como o VAR, no futebol. Temos, assim, um movimento dentro do esporte de federalização (regras antigas e rígidas) para espetacularização (regras flexíveis e mais atrativas ao público).

O MMA, por ser um esporte novo em relação a essas modalidades, possui outra dinâmica. No seu nascedouro, a modalidade é fruto de eventos privados,

portanto, dependentes quase que exclusivamente de patrocinadores que queiram investir seu dinheiro em um esporte que seja lucrativo. Para ser lucrativo, o público deve se interessar. O MMA é elemento de uma configuração calcada no espetáculo. Do ponto de vista simbólico, esses aspectos econômicos modificam uma lógica interna importante. Dentro do esporte, tradicionalmente, a vitória é o principal objetivo. Nessa modalidade, essa afirmação pode ser relativizada, pois, pensando em um esporte que nasce espetacularizado, o que seria mais interessante, ganhar ou “dar um show” e ser atrativo ao público?

Essa expressão – “dar um show” – apareceu muitas vezes nos meus registros de diário de campo. Os lutadores relatavam que estavam preocupados em ser atrativos para o evento contratantes para que pudessem ser chamados para lutar novamente. Em razão desse repetido registro, coloquei uma questão sobre isso nas minhas entrevistas. A resposta de um dos entrevistados é emblemática nesse sentido:

Com certeza, fazer o espetáculo é mais importante que ganhar. [...] se tu pegares um adversário de nível e puderes demonstrar toda tua técnica, todo teu trabalho que tu treinaste pra chegar até ali é bem melhor do que ganhar. Mesmo perdendo. Eu prefiro perder e dar um show do que ganhar dum morto. (Entrevista com lutador, 28/10/2016)

Percebe-se, por esse excerto, uma preocupação maior em ter um bom desempenho técnico do que ganhar. Isso demonstra que os treinamentos árduos expostos no tópico anterior não são apenas para subjugar o adversário, tampouco apenas para construir um número de vitórias relevantes. Mas, substancialmente, os atletas se preparam para agradar tecnicamente o público e os contratantes.

Ratificando essas reflexões, um registro fundamental foi a minha participação em uma ‘pesagem’ em hotel luxuoso da cidade que recebia um evento de grande porte no Brasil. A ‘pesagem’ consiste em um pré-evento para chamar a atenção do público e da mídia. Acontece geralmente um dia antes das lutas e os combatentes que se enfrentarão sobem um uma balança para ver quem atingiu o peso limite da categoria ou ‘bateu o peso’. Após a medida ser realizada é hora da ‘encarada’. Os lutadores ficam frente a frente e olham nos olhos dos adversários com um semblante pouco amistoso.

Nesse momento, o empresário ou o ‘dono do evento’ diz algumas palavras de incentivo para os atletas no intuito de dar um espetáculo no dia seguinte. Nesse dia de observação, o empresário reúne os lutadores ao final da pesagem e discursa

sobre a ‘oportunidade única’ que os lutadores estão tendo em aparecer em rede nacional e diz uma frase que foi emblemática nessa discussão: “Se perder e der show, vai lutar de novo no evento. Se ganhar amorcegando¹⁵, não luta nunca mais” (Diário de campo, 20/12/2014).

Assim, podemos refletir sobre conceitos basilares dentro da discussão do esporte. Se Elias e Dunning (2019) apresentaram a gênese do esporte moderno como a estruturação de um compósito de elementos (regras, institucionalização) que, por estarem inseridos em uma configuração social em transformação a partir do processo de urbanização, o MMA aponta alguns caminhos para outro entendimento esportivo. Escreverei mais sobre isso nas conclusões desse trabalho. Por enquanto, o que interessa é a percepção que a entrada da mídia e a espetacularização constrói novos conceitos dentro dessa discussão teórica.

A mídia e o MMA: o TUF Brasil e o processo de humanização do lutador

Para encerrar os dados empíricos, passo, a partir de agora, a apresentar o último elemento analisado: a mídia. Para tanto, escolhi o programa *The Ultimate Fighter* que, em uma tradução livre, seria “O lutador mais completo”. O programa foi criado pelo principal evento do mundo, o UFC. Segundo Awi (2012), o programa foi criado nos Estados Unidos no começo dos anos 2000 para resolver um problema de aceitação do público americano em relação à modalidade.

O público americano tinha pouca aderência ao esporte, pois o considerava muito violento e não entendia como duas pessoas ‘brigando’ sem quase nenhuma regra poderia ser um esporte. A partir dessa percepção, os executivos do evento criaram um *reality show*, em que alguns lutadores convivessem, treinassem e lutassem entre si por um contrato com a empresa. Nos Estados Unidos, o programa foi um sucesso, o UFC saiu da grave situação financeira em que estava e o programa já tem mais de vinte edições.

Quando o MMA começou a ser reconhecido no Brasil, a Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão das lutas do UFC, realizou três temporadas do programa com lutadores e técnicos brasileiros. Assim durante três anos, entre os meses de março a maio, aos domingos à noite, a emissora exibia um capítulo

¹⁵ Termo comum no universo das lutas. ‘Amorcegar’ é esconder-se da luta, proteger-se para não se expor aos golpes do adversário.

do *reality*. A estrutura do programa era muito simples: dezesseis lutadores eram divididos em duas equipes e lutavam entre si em combates eliminatórios até que os dois últimos disputavam a final e o contrato com o UFC. Os líderes das equipes eram atletas experientes e renomados no cenário esportivo. No ano em que fiz análise (2015), os técnicos foram Maurício Shogum e Rodrigo Minotauro, dois expoentes e ex-campeões do evento.

Durante os episódios, as rotinas dos atletas eram mostradas, principalmente os treinamentos. O intuito disso era afastar a o MMA do conceito de violência e aproximar do conceito de esporte, mostrando que o que pode parecer uma violência sem sentido tem muitas técnicas de lutas envolvidas. Assim, os treinos de luta eram mostrados e analisados por comentaristas. Os treinos respeitavam a lógica de uma equipe de MMA: eram treinos de boxe, jiu-jitsu, luta olímpica e Muay Thai e, dentro de cada equipe, havia um técnico para cada modalidade.

Além das técnicas de luta, outro elemento muito presente durante o programa era um processo que denominamos de “humanização do lutador”. O lutador de MMA construiu, ao longo do tempo, uma imagem muito negativa em determinados setores sociais. Termos como ‘brutamontes’ e ‘violentos’ fizeram parte das características direcionadas a esses atletas. A partir disso, o intuito do programa também foi mostrar os ‘dramas’ vividos pelos praticantes e como essas dificuldades fazem parte da construção do cotidiano dos atletas. Assim, durante os episódios, além dos treinamentos, as relações com a família, as dificuldades financeiras e os problemas eram mostrados constantemente.

Portanto, o programa TUF Brasil foi uma tentativa de construir uma imagem diferente do esporte para o público. Se vivemos em uma configuração social que tem menos tolerância à violência, o que o programa objetiva é afastar o MMA de uma imagem de violência e aproximar do conceito de esporte. Mais do que isso, relativiza um estereótipo de violência muito presente em relação aos praticantes. A intenção dos organizadores do programa é tornar o esporte mais aprazível e reconhecível para os espectadores, aumentando os níveis de tensão-excitação agradável (ELIAS; DUNNING, 2019).

Considerações finais

Após todas essas reflexões, é chegada a hora do fechamento. Afinal, aonde chegamos com todas as discussões apresentadas nesse estudo, ou, mais especificamente, o que podemos aprender no âmbito da sociologia do esporte, com o MMA? Para responder a essa questão, importante retomar as propostas do estudo. Em um primeiro momento apresentei ao leitor ideias introdutórias de uma construção analítico-reflexiva de minha trajetória acadêmica e profissional e como esse caminho se relacionou com a estruturação de um problema baseado nas minhas vivências. A seguir, para que essa “leitura” não fosse apenas fruto da minha experiência pessoal, apresentei os pressupostos teóricos que nortearam a realização da tese. A metodologia do estudo foi apresentada a partir de um olhar configuracional, em que três elementos foram escolhidos para as análises, são eles: a academia, os eventos e a mídia.

Como resultados, descrevi que a academia de MMA apresenta uma dinâmica baseada no aprendizado de técnicas de diversas modalidades de luta. Mostrei também que há uma etiqueta que permeia os acordos simbólicos, com regras que devem ser respeitadas. Caso não sejam, há o perigo das tensões. Os eventos de MMA mostraram que o ‘show’ muitas vezes se sobrepõe à vitória, fazendo com que o esporte adquira uma conotação de espetáculo. Em relação à mídia, é latente a preocupação em afastar a modalidade do conceito de violência e aproximar do esporte. Isso é materializado a partir de dois processos: a demonstração das técnicas de luta e o processo de humanização do lutador.

Para concluir, a leitura configuracional MMA nos dá condições de analisar o fenômeno esportivo de uma forma mais ampla. Tradicionalmente, os trabalhos sobre lutas, no âmbito sociocultural, têm se pautado em descrições uníssonas. Levando em consideração apenas uma parte das inúmeras possibilidades de campos de pesquisa. Essa pesquisa mostrou que os elementos se entrecruzam em um processo de interdependência que não há como compreender um elemento sem o outro. Assim, fica a sugestão para que trabalhos vindouros se preocupem em abrir suas visões sobre o fenômeno esportivo a partir da sua complexidade.

Essa complexidade também se coaduna com a discussão do campo da sociologia do esporte. Em um primeiro momento, a análise da academia permite inferir que o esporte tem características muito próximas ao processo de esportivização apresentado no segundo tópico desse capítulo. Entretanto, ao me

aproximar dos eventos e da mídia, posso concluir que o esporte contemporâneo é composto por meandros e nuances que devem ser estudadas a partir da empiria, sem a tentativa de “encaixe” de uma teoria.

O que advogo é que há um novo processo no cenário esportivo/social que se relaciona com a complexidade configuracional própria de nossa época. Um momento em que a indústria do entretenimento, as empresas privadas, a mídia e a tecnologia se imbricam no cenário esportivo e formam uma nova relação de interdependência. O processo construído a partir da leitura de uma configuração específica de um tempo de urbanização e que liga a gênese do esporte a uma construção de uma mudança de lógica interna (regras e institucionalização) pouco se relaciona com a atualidade. Outro processo está em curso com a entrada da mídia e do espetáculo, provavelmente uma segunda esportivização.

Referências

- AWI, Fellipe. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca; 2012.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.
- ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2018.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Edições 70, 2019.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

MARIANTE NETO, Flávio Py. **Jabs, diretos, low kicks e doble lags no processo civilizador**: uma leitura elisiana das artes marciais mistas. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/153321>

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. A construção televisiva do MMA: o programa TUF Brasil e o processo de humanização do lutador. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e002820, 2021a. <http://dx.doi.org/10.1590/rbce.43.e002820>

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; STIGGER, Marco Paulo. 'Se perder e der show, vai lutar de novo!' MMA e o conceito de esporte. **Movimento**, v. 27, p. e27030, 2021b. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.108259>

MARIANTE NETO, Flávio Py; VASQUES, Daniel Giordani; FREITAS, Maitê Venuto de; STIGGER, Marco Paulo. A etiqueta da violência: mestre, irmãos de treino e família na equipe de MMA. **Revista Motrivivência**, v. 33, p. 1-24, 2021c. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e80367>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 17-36, 1996. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111579>

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Antropologia em primeira mão**, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004. <https://navi.ufsc.br/files/2017/11/Antrpologia-em-Primeira-M%C3%A3o-midia-74.pdf>

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

Recebido em junho de 2023
Aprovado em setembro de 2023